

14. O oposto da ansiedade: a paz, uma guerra para reafirmar o verdadeiro

por Luigi Giussani*

Assim, o homem cristão – *homo viator*, o homem caminhante, segundo a maravilhosa expressão da cristandade medieval – tem consciência do fato de que a vida é uma caminhada, é ir rumo à própria meta, e de que a solução total está no fundo de todos os problemas e é obra de Deus, não mais nossa. Somos incapazes frente à inextinguível sede do nosso destino e da nossa meta, e só a potência de Deus pode nos completar. Mas a busca de uma completitude sempre maior, a busca do melhor, o quanto possível, é esta a busca que caracteriza a cada instante a grandeza do cristão, caracteriza a cada instante o convite que nos faz a Igreja, e com isso a medida do nosso ser cristãos. É, pois, um empenho sem limites e sem tréguas.

Lembremos a parábola narrada por Jesus na qual são confrontadas duas posturas morais: a de um fariseu e a de um publicano. E lembremos que os fariseus se consideravam os fiéis guardiões das leis divinas, enquanto que os publicanos, cobradores de impostos para o Império Romano, eram apontados publicamente como pecadores. É Lucas quem traz o conhecido relato de Jesus: “Dois homens subiram ao templo para rezar: um era fariseu, o outro cobrador de impostos. O fariseu, de pé, rezava assim em seu íntimo: ‘Ó Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens, ladrões, desonestos, adúlteros, nem como este cobrador de impostos [...]’. O cobrador de impostos, porém, ficou à distância, e nem se atrevia a levantar os olhos para o céu; mas batia no peito, dizendo: ‘Meu Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!’”¹ E Jesus condena a postura moral do fariseu. Por quê? Porque ele está contente consigo, evita e renega a tensão da sua vida, enquanto que o publicano, no fundo, a exprime na sua fórmula mais elementar, que é o mal-estar doloroso de si mesmo. Nesta tensão está encerrada a concepção moral que a Igreja aponta ao homem. E não há nada mais contrário a isso do que a imagem de quem se contenta numa satisfação consigo mesmo ou coloca a sua esperança numa possível felicidade contingente.

No homem cristão, há um sinal experimentável dessa busca contínua da verdade de si mesmo, e portanto, da verdade do mundo. Jesus o indicou com a palavra “paz”. Um dos mais belos comentários a este aspecto da antropologia cristã é a oração que o sacerdote recita na missa depois que a assembleia termina o *Pai Nosso*: “Livrai-nos de todos os males, ó Pai, e dai-nos hoje a Vossa paz. Ajudados pela Vossa misericórdia, sejamos sempre livres do pecado e protegidos de todos os perigos, enquanto, vivendo a esperança, aguardamos a »

* Do livro de L. Giussani, *Por que a Igreja*, Companhia Ilimitada, São Paulo 2015, pp. 250-252.

» vinda do Cristo Salvador”. Todos os elementos de uma tensão moral estão contidos aqui: o reconhecimento da dependência do Deus que me criou, em cujas mãos estou sem temor, a afirmação de que a consistência da vida é um Outro e de que, portanto, a esperança do destino é um Outro, a necessidade de viver uma espera, e por isso uma busca, uma caminhada em que um vazio deve ser sempre preenchido.

Assim, a tensão para afirmar o real segundo o olhar de Cristo é o fundamento da paz. Não pode haver duração desta paz se não nos apoiarmos na consistência última da realidade, ou seja, no Mistério que faz as coisas, em Deus, no Pai.

Sem esse contexto último, a paz é fragilíssima e se deteriora em ansiedade. É diferente o esforço da fidelidade no seguir o verdadeiro: é uma luta, que não é contrária à paz, pode ser uma dor ou um grave peso, mas não é ansiedade. A ansiedade é uma mentira que continuamente ressurgue e se aninha para impedir a adesão àquilo que emergiu como verdadeiro na nossa consciência. A paz é uma guerra, mas consigo mesmo.

¹ Lc 18, 10-11.13.